



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

## A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MÃE SOLTEIRA NO FILME 'CREPÚSCULO'<sup>1</sup>

Marcela Tavares de Freitas Lima<sup>2</sup>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CÂMPUS DO PANTANAL

**RESUMO:** Esse estudo apresenta um recorte da representação social da mãe solteira no primeiro filme da Saga Crepúsculo, tendo como referência a personagem Renée, mãe da protagonista Bella Swan, essa temática é analisada a partir da perspectiva dos estudos culturais da mídia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema e educação; saga Crepúsculo; Representação Social.

### INTRODUÇÃO

O filme Crepúsculo, objeto de análise deste artigo, tem, em sua história, vários aspectos importantes, os quais podem ser estudados sob diferentes perspectivas teóricas. Por isso, esse estudo teve como objetivo analisar a representação social de gênero na narrativa, através da personagem Renée, interpretada pela atriz Sarah Clarke, mãe da protagonista Isabella Swan, mais conhecida como Bella na trama, e interpretada pela atriz Kristen Stewart. Esse recorte é demonstrado na história como um fator importante na vida da adolescente de 17 anos, que se muda de cidade para morar com o pai, Charlie, vivido pelo ator William Albert Burke. Nessa mudança, Bella acaba

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte da pesquisa de mestrado intitulada: "Representações de juventudes na Saga Crepúsculo: um estudo de cinema e educação" finalizada pela autora no ano de 2018, sob a orientação do Professor Doutor Flávio Vilas-Bôas Trovão, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu/UFMT/CUR).

<sup>2</sup> Bibliotecária/Documentalista da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal – Avenida Rio Branco, 1.270, bairro Universitário, CEP: 79304902 – Corumbá, MS. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis, na Linha de Pesquisa: Infância, Juventude e Cultura Contemporânea: direitos, políticas e diversidade. Graduada em Biblioteconomia pela mesma instituição. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso – FAPEMAT – 2016-2017. E-mail: mfreitaslima@hotmail.com.



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

conhecendo o personagem Edward na escola, um vampiro, também adolescente, interpretado pelo ator Robert Pattinson, por quem se apaixona.

A separação dos pais de Bella e o fato de sua mãe tê-la criado, durante a maior parte de sua vida, sem a presença do pai, são fatos apresentados na trama como sendo responsáveis pelo comportamento da protagonista. Em várias cenas do filme, a personagem principal demonstra que se sente incomodada com o fato de ser filha de pais separados. Somado a isso, a sua preocupação financeira, indica que ela e sua mãe passaram por algumas dificuldades em decorrência da separação. A responsabilidade é atribuída, nesse contexto, mais a personagem da mãe do que ao personagem do pai.

Assim, a análise dessa temática demonstra a necessidade de reflexões sobre o modo como as representações de gênero são produzidas pela mídia, uma vez que, o longa-metragem traz a representação de duas mulheres, mãe e filha, atribuindo, desse modo, um certo estigma em torno dessas personagens na história. Como apresentado no decorrer do filme, a decisão de Renée, de se separar de Charlie, quando Bella ainda era uma criança, é demonstrada como uma falha de sua parte, resultando em prejuízos na vida da filha. Isso potencializa os efeitos que a separação dos pais pode ter na vida dos filhos, trazendo a personagem feminina como sendo a principal responsável pelo declínio da instituição da família.

Na atualidade, é importante considerar o interesse que esses produtos despertam no público consumidor de cinema, o qual é constituído em sua maioria, por adolescentes e jovens de diversos lugares do mundo. Duarte (2009, p. 46), explica que no campo do cinema, a representação do “[...] feminino também é fruto de convenções, nesse caso, de natureza muito mais cultural do que técnica. [...] Convenções de representação de gênero são, frequentemente, conservadoras e, por isso, difíceis de serem rompidas”. Assim, a metodologia adotada neste estudo baseia-se nos pressupostos dos autores Kellner (2001) e Vanoye e Goliot-Lété (2002), de modo a ter, como fundamentos, os estudos culturais da mídia e a análise fílmica.

## **RENÉE: A MÃE DE BELLA & MÃES SOLTEIRAS**

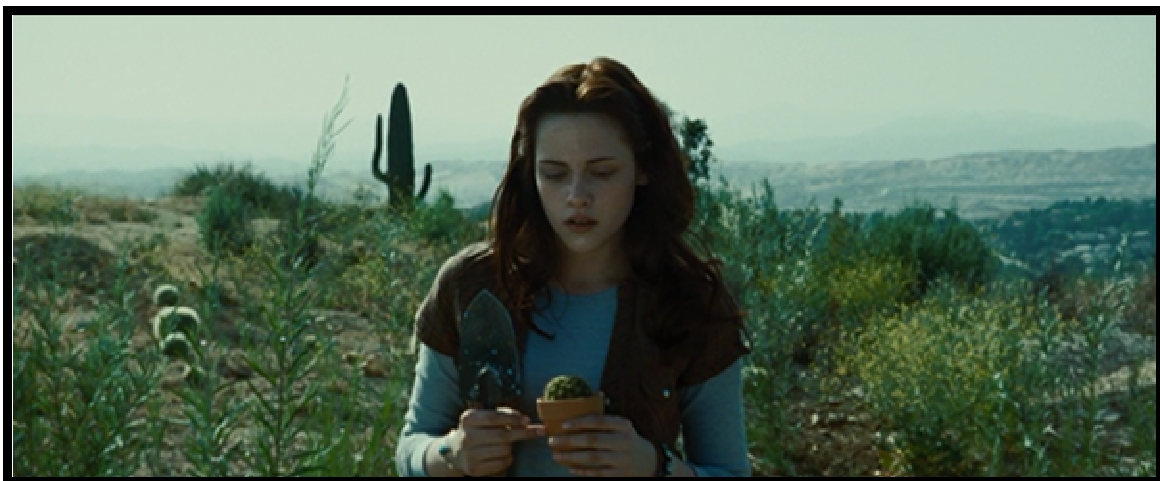
A personagem Renée, mãe de Bella, aparece pouco durante o filme Crepúsculo, porém, quando o faz, é nos momentos importantes na vida da filha. No início da narrativa, aos 00:01:12, Bella aparece com um cacto nas mãos, observando o lugar onde



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

mora na cidade de Phoenix, do lado de fora da sua casa, numa atmosfera ensolarada e pouca vegetação no entorno do cenário, enquanto a sua mãe e seu padrasto a aguardam para embarcar para a cidade de Forks (figura 01). Nesse momento, ouvimos a voz de Bella, que diz: “Então, não consigo me arrepender de ter tomado a decisão de sair de casa. Eu ia sentir saudade de Phoenix, saudade do calor, saudade da minha mãe amada, instável, cabeça oca e o novo marido dela. Mas eles querem viajar, então eu vou passar um tempo com o meu pai, e isso vai ser uma coisa boa, eu acho”.

**Figura 01** – O adeus ao lar



**Fonte:** Crepúsculo (2008).

A decisão tomada por Bella, de ir morar com o pai, Charlie, é atribuída à necessidade que sua mãe tem em acompanhar o seu novo marido, chamado Phil, que é jogador de beisebol. Por essa razão, Bella sai de uma grande cidade ensolarada e vai para uma pequena cidade fria. Isso diz muito sobre os próximos acontecimentos em sua vida, nos quais ela conhecerá os vampiros e se adaptará ao clima que faz analogia à temperatura destes personagens, que também são conhecidos como “os frios”.

A partir dessa cena, a personagem embarca numa viagem rumo à cidade em que o seu pai mora, Forks. O resumo da vida familiar de Bella nos mostra que ela é filha de pais separados e sua mãe se casou recentemente com outro homem, o qual viaja com frequência, devido ao trabalho, e sua mãe deseja acompanhá-lo. Por isso, a solução encontrada pela própria filha, diante da situação da mãe, é a de passar um tempo com o pai. Podemos inferir que Renée foi uma mãe solteira, separada do pai biológico de



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

Bella, e, conseqüentemente, Bella foi criada, na maior parte do tempo, por sua mãe. E os termos utilizados pela própria protagonista, “instável” e “cabeça oca”, para qualificar a personalidade da sua mãe, dizem muito sobre o que ela pensa a respeito das atitudes de Renée, sem que, contudo, isso interfira no sentimento de ambas, que transparece uma relação amorosa.

A cena a seguir (figura 02) ilustra a despedida de Bella e Renée. A imagem do quadro mostra a mãe, Renée, de cabelos curtos, usando blusa laranja e chapéu, aparentando ser uma jovem senhora. Seu estilo combina com os elementos ao seu redor, as cores das plantas, os raios do sol e a casa ao fundo do cenário, um ambiente que representa o lar do qual Bella precisa se despedir, para sua tristeza, apesar da decisão ter sido tomada em prol da felicidade da mãe.

**Figura 02** – A despedida de Bella e Renée



**Fonte:** Crepúsculo (2008).

As primeiras cenas do filme mostram uma relação de bastante proximidade e afeto entre Bella e sua mãe. O figurino de Renée está em harmonia com o cenário do quadro, já o de Bella está mais relacionado ao clima frio, para onde está partindo. A iluminação do sol também recai sobre a mãe, enquanto o rosto de Bella fica à sombra, pela sua posição na cena. Estes elementos referenciam o lugar ao qual a protagonista se adaptará nas cenas seguintes da narrativa.

A separação dos pais da protagonista parece ser o pilar em torno do qual os demais problemas emergem em sua vida. Isso é representado através da sua preocupação com a vida da mãe e a conformidade com o seu novo casamento, por achar



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

que essa é a solução para os problemas da mãe: “É claro que agora ela tinha o Phil, então as contas da casa provavelmente seriam pagas, haveria comida na geladeira, gasolina no carro e alguém para chamar quando ela se perdesse [...]” (MEYER, 2015, p. 12). A fala da protagonista traz à tona as dificuldades referentes à renda familiar que as mães solteiras enfrentam na criação dos filhos e ao estigma que elas e seus filhos têm de enfrentar em uma sociedade preconceituosa.

Diversos grupos de pesquisa – a maioria ausente dos relatos da mídia sobre a ameaça da orfandade de pai – mostram a falsidade das evidências por trás do pânico. A literatura sobre o divórcio revela que os principais impactos negativos sobre as crianças são os conflitos entre os pais antes do divórcio e a perda da renda do pai depois da separação, e não a ausência do pai *per se*. As pesquisas sobre como as crianças se saem depois do divórcio também contestam o suposto poder da presença paterna. [...] Se, como um grupo, as crianças de lares órfãos de pai não se dão tão bem, isto acontece em parte porque as mulheres enfrentam dificuldades para sustentar a si e aos seus filhos, e mais da metade dos homens divorciados consegue escapar impunemente pagando menos pensão. (GLASSNER, 2003, 174-175, grifo do autor).

O tema da separação de pais e de mães solteiras é levantado em *Crepúsculo*, não por acaso, mas por fazer parte do contexto histórico em que o filme foi produzido. O fato de Bella ser filha de pais separados faz muita diferença na vida da protagonista, como demonstrado por ela em vários momentos do filme, principalmente, na sua relação com o pai e os amigos da escola, como se o seu comportamento fosse decorrente desse fato.

Na última década do século XX, a gravidez na adolescência foi considerada um problema social grave nos Estados Unidos, a tal ponto que em 1996 o governo destinou verbas para o investimento em meios que ajudassem a controlar a sexualidade dos adolescentes. Segundo Glassner (2003, p. 167), a intenção era “[...] persuadir os jovens a praticar a abstinência pré-marital”. Nesse meio, os canais midiáticos produziram vários discursos sobre as mães adolescentes, relacionando a gravidez na adolescência e o índice de mães solteiras com vários outros problemas existentes na sociedade americana.

Nesse contexto, muitos aspectos da vida das jovens mães foram ignorados pela mídia sensacionalista, ou, quando considerados, não escapavam do olhar preconceituoso com que os agentes desses canais tratavam as informações recebidas. Mudavam-se os



**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

discursos sobre os fatos, mas não o posicionamento de quem os produzia. De qualquer modo, a mídia fabricava representações diluidoras sobre a gravidez na adolescência, transformando esse acontecimento numa tragédia social. Ao mesmo tempo, esses mesmos canais ofereciam soluções para os problemas que eles mesmos causavam. A ajuda de especialistas sempre foi solicitada para prescrever o tratamento para as ditas anormalidades da juventude.

A questão é que os tratamentos prescritos não surtiram efeitos nos adolescentes recrutados pelas várias instituições que controlam os canais midiáticos, porque os seus sintomas foram produzidos. Não há como tratar doenças inexistentes. No entanto, a falta de resposta aos problemas produzidos nos jovens pode ocasionar uma terceira desordem social: a de encerrá-los dentro de discursos diluidores e classificá-los como problemas sociais irreversíveis. Isso pode ser um dos motivos da criação de medidas preventivas, como os investimentos destinados ao controle sexual dos adolescentes, por parte do governo americano, a fim de evitar que as ocorrências identificadas como desviantes da norma não se propaguem em meio à juventude. A esse respeito, Pais (1990) esclarece que:

[...] a teoria sociológica se vê cada vez mais confrontada com a necessidade de estabelecer rupturas com as representações correntes da juventude, isto é, de estabelecer rupturas com a *doxa* dominante, tentando, em contrapartida, desenvolver em relação à realidade socialmente construída que é a *juventude* outra *doxa* mais firme que a espontânea, sem que hesite – é mesmo uma necessidade – em tornar-se paradoxal. [...] Na verdade, nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil unitária. No entanto, questão que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas *similaridades* entre jovens ou grupos de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também – e principalmente – as diferenças sociais que entre eles existem. (PAIS, 1990, p. 22, grifo do autor).

Deste modo, a gravidez na adolescência é um assunto que faz parte do contexto em que a narrativa de *Crepúsculo* foi produzida e retrata muito das preocupações sociais relativas a este assunto. Temos, assim, na perspectiva de Pais (1990), de um lado, uma juventude socialmente construída, como um “problema sociológico”, e, de outro, essa mesma juventude transformada em um “problema social”, através das representações construídas e disseminadas em alguns canais midiáticos estadunidenses.



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

Conforme Glassner (2003, p. 167), na década de 1990, liberais, conservadores e jornalistas atribuíram às mães adolescentes a culpa pela maioria dos problemas existentes na sociedade americana, “[...] referiam-se à maternidade adolescente como um ‘câncer’, advertindo que elas ‘procriavam criminosos mais rápido do que a sociedade conseguia colocá-los na cadeia’”.

Não é de hoje que a imagem do jovem delinquente vem sendo produzida no cenário americano. No fim do século XIX, ao mesmo tempo em que ocorria o processo de urbanização das cidades americanas, essas se tornavam palco da atuação de grupos de gangues compostos de crianças, adolescentes e jovens. As condições habitacionais, os espaços públicos, a educação, entre outros fatores, não admitiam que os jovens pudessem sobreviver de forma digna na sociedade. Os jornais da época veiculavam com frequência imagens que representavam o poder expressivo das gangues e a disputa por território entre as mesmas. Enfim, diferentes meios de comunicação exploravam de todas as formas a figura do jovem delinquente, responsabilizando-o pela desordem urbana em que viviam, "o jovem era um assunto emocionante, mais ainda se associado ao crime e a hábitos estranhos e bárbaros" (SAVAGE, 2009, p. 51).

Sobre isso, Savage (2009), na sua incansável busca por vestígios históricos da cultura jovem, encontra na obra "Adolescence" de G. Stanley Hall, a comprovação que confirmava as suas suspeitas de que a história dos *teenager* era bem anterior à Segunda Guerra Mundial. Nessa obra, Hall apresentava uma visão sobre a adolescência que se assemelhava com aquela defendida muito tempo depois, no período pós-guerra.

[...] na sociedade americana e ocidental, o estado intermediário que Rousseau havia ao mesmo tempo exaltado e feito advertências a respeito, não era só determinado biologicamente, mas socialmente construído. "Adolescência é mais do que puberdade, [...], estendendo-se por um período de dez anos desde os 12 ou 14 até os 21 ou 25 anos nas meninas e nos meninos, respectivamente, mas culmina nos 15 ou 16". (SAVAGE, 2009, p. 82).

Essa nova fase da vida trazia novas possibilidades à juventude, seria investido mais tempo na educação dos jovens, adiando a sua entrada na idade adulta e no mercado de trabalho. Assim, nasce o germe da juventude eterna, que se desenvolverá um pouco mais adiante, durante o pós-guerra. Hall também associou a imagem da América à fase da adolescência, um país jovem e promissor, "o próprio fato de pensarmos que somos



**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

jovens tornará a fé em nosso futuro curativa, e um dia atrairemos os jovens do mundo por nossas incomparáveis liberdades e oportunidades". (SAVAGE, 2009, p. 89).

O termo *teenager* surgiu nos Estados Unidos, durante o período pós-guerra, por volta de 1944. Foi criado por publicitários e fabricantes para representar o poder de consumo dos adolescentes, com idade entre 14 e 18 anos. Desde então as culturas juvenis vêm sofrendo alterações significativas com o tempo e essa imagem gloriosa da juventude passou a ser associada à própria América, que aspirava servir de modelo à juventude dos demais países.

A invenção do "teenager" coincidiu com a vitória dos americanos na Segunda Guerra Mundial, evento histórico decisivo para a criação do império que ainda detém o controle no século XXI. Na verdade, a definição do jovem como um consumidor era uma excelente oportunidade para uma Europa devastada. Nos últimos sessenta anos, esta imagem do adolescente pós-guerra dominou o modo como o Ocidente vê os jovens e tem sido exportada com sucesso para o mundo todo. Como a nova ordem mundial que prenunciava, ela precisa ser redefinida. (SAVAGE, 2009, p. 11).

Nessa época, já havia salões de dança para a juventude norte-americana com novos ritmos musicais, como o swing e o jazz, a música popular abriu caminho para outras aspirações. Os jovens também exigiram mais liberdade de expressão, o que repercutiu em todas as áreas sociais, através de reivindicações de toda natureza, educacional, política, profissional, etc. Eles também se posicionaram a respeito de situações vivenciadas por outras categorias sociais, de forma solidária, "para com o 'povo negro', trabalhadores em greve e forças progressistas por toda a parte. [...] eles declaravam que 'nossos problemas e aspirações estão intimamente vinculados aos de todas essas pessoas'" (SAVAGE, 2009, p. 343).

Nesse sentido, Peralva (1997) nos lembra de que há muito tempo a forma de organização da sociedade, assim como do próprio mundo, foi hierarquizada em diferentes momentos históricos, nos quais a democracia foi se constituindo e se transformando em instrumento de resistência para as classes populares. A ordem moderna trouxe consigo divisões muito precisas entre as idades da vida, e as dispõe numa ordem semelhante à organização social, do maior para o menor, do mesmo modo que a distribuição do poder entre as classes sociais. Por conseguinte, o jovem, independentemente do momento histórico, aparece subordinado ao grupo etário adulto e





**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

aos demais órgãos de repressão social. Não estranho a isso, o modo como parte da Sociologia da Juventude o concebia, "[...] *jovem* é aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo" (PERALVA, 1997, p. 18, grifo do autor).

Nessa perspectiva, o desvio é trazido como algo próprio da juventude, podendo predominar mais em determinados grupos juvenis do que em outros, aqui podemos utilizar como baliza as fronteiras que separam as classes sociais. Tal realidade é vivenciada pelos jovens na atualidade, ainda que em momento e regime governamentais diferentes. Na verdade, o “desvio” se constitui como um instrumento de liberdade para os jovens pobres, a forma que eles encontram para resistir aos mecanismos de poder do Estado. Foi e continua sendo um recurso muito utilizado pela juventude, diante de índices alarmantes de desigualdades sociais.

Frente a esse panorama histórico da juventude, seriam os jovens considerados perigosos, filhos de mães adolescentes, os filhos “ilegítimos”, assim como foram classificadas as crianças nascidas de mães solteiras na sociedade americana, termo adotado para expressar a intolerância da taxa de natalidade fora do casamento? Isso pressupõe que os filhos das mães adolescentes não casadas seriam os responsáveis pelo aumento da criminalidade norte-americana. E mais, o não reconhecimento destes pela sociedade é produzido através de estigmas e estereótipos que aumentam o preconceito dessas crianças na sociedade.

As campanhas de medo podem se autocumprir, produzindo exatamente os resultados negativos alertados pelos alarmistas. Os exageros relativos às influências de mãe não casadas sobre os filhos estigmatizam essas crianças e incitam os professores e a polícia, entre outros, a tratá-los com desconfiança. Por que tantos filhos de famílias de mãe ou pai solteiro acabam presos? Em parte, conforme alguns estudos, porque eles têm mais probabilidade de ser presos do que os filhos de domicílios com pai e mãe que cometem transgressões similares. Por que os filhos de famílias de pai ou mãe solteiro têm desempenho pior na escola? Um fator surgiu em experiências onde foram exibidos videoteipes e dito aos professores quais eram as crianças de famílias de mãe ou pai solteiro e quais eram de famílias de pai e mãe. Os professores tendiam a avaliar as crianças “ilegítimas” menos favoravelmente. (GLASSNER, 2003, p. 172).

Ante o exposto, o fato de a personagem Bella, de Crepúsculo, ser filha de pais separados, parece justificar o seu comportamento na cena do seu primeiro beijo com



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

Edward, no quarto dela. Ambos estavam prestes a ferir a moralidade das famílias norte-americanas, além do risco que o sexo antes do casamento poderia trazer consigo: o perigo de uma gravidez indesejada na adolescência.

No entanto, durante a cena do beijo, a protagonista não demonstra medo de engravidar, mas o princípio organizador do filme nos mostra que ela está errada, o sexo é algo para depois do casamento, conforme acontece nos próximos filmes que dão continuidade à Saga Crepúsculo. Portanto, a repreensão de Edward ao comportamento dela passa uma mensagem importante às adolescentes: que elas precisam ter autocontrole sobre a sua sexualidade. O sexo e a gravidez só devem acontecer após o casamento, isso reforça ainda a valorização da mulher virgem, estereótipo feminino ainda vigente na sociedade contemporânea, a despeito de toda revolução sexual e de gênero vividas no Ocidente no pós-guerra. A gravidez na adolescência continua sendo tratada como um problema, estigmatizando as adolescentes que “fogem” às regras convencionais. Essa representação tem a ver com a realidade dos adolescentes norte-americanos na época de produção do filme Crepúsculo, em que tais questões pautavam a cultura midiática<sup>3</sup> da época.

Estamos cercados por um dilúvio de imagens. Seu número é tão grande, estão presentes tão “naturalmente”, são tão fáceis de consumir que nos esquecemos que são o produto de múltiplas manipulações, complexas, às vezes muito elaboradas. O desafio da análise talvez seja reforçar o deslumbramento do espectador, quando merece ficar maravilhado, mas tornando-o um deslumbramento participante. [...] impressões, emoções e intuições nascem da relação do espectador com o filme. A origem de algumas delas podem evidentemente dizer mais do espectador que do filme (porque o espectador tende a projetar no filme suas próprias preocupações). O filme, porém, permanece a base na qual suas projeções se apoiam. (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2002, p. 13).

---

<sup>3</sup> A cultura da mídia pode se manifestar em vários canais midiáticos e de diferentes formas, como nas representações de juventudes do filme Crepúsculo e outras produções do cinema estadunidense. A esse respeito, Kellner (2001, p. 10) explica que “numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebida de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não. Consequentemente, a obtenção de informações críticas sobre a mídia constitui uma fonte importante de aprendizado sobre o modo de conviver com esse ambiente cultural sedutor. Aprendendo como ler e criticar a mídia, resistindo à sua manipulação, os indivíduos poderão fortalecer-se em relação à mídia e à cultura dominantes. Poderão aumentar a sua autonomia diante da cultura da mídia e adquirir mais poder sobre o meio cultural, bem como os necessários conhecimentos para produzir novas formas de cultura”.



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

É importante prestar atenção nas soluções que o filme *Crepúsculo* apresenta para as preocupações do público juvenil contemporâneo, tendo em vista que os problemas que emergiram no seu contexto de produção continuam fazendo parte da realidade atual das juventudes, que consomem essas produções. O espectador participa da trama, apreende para si os elementos constituintes desse universo. Assim, a análise fílmica permite que se compreenda não só o modo de tratamento da imagem e do som no cinema, mas também o modo como questões como estas são construídas e representadas pela indústria cultural (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2002).

Nesse contexto, seria Bella uma filha “ilegítima”? Essa questão remete ao fato de ela ser filha de uma mãe solteira, explicando a falta de controle da personagem sobre a sua sexualidade, bem como, o seu comportamento em relação às demais adolescentes humanas de *Crepúsculo*. No contexto do medo americano, colunistas como Richard Cohen<sup>4</sup>, difundiam a ideia de que “antes de conseguirmos controlar o crime, precisamos ter controle de natalidade e classificou a ilegitimidade como uma questão de segurança nacional”. (GLASSNER, 2003, p. 171).

De acordo com Glassner (2003), outro fato que chama a atenção no cenário norte-americano é que a crítica geralmente é direcionada às mães não casadas, e não aos pais não casados. No caso da personagem Renée, a impressão que se tem, no início da narrativa, é que Bella se sacrifica pela mãe, já que ela quer acompanhar o seu marido nas viagens de trabalho, o que ocasiona a decisão de Bella de ir morar com seu pai em Forks. É como se a responsabilidade em relação aos filhos fosse somente das mães e não também dos pais, incluindo-se aqui o personagem Charlie. Aos 00:03:07 do filme, quando Bella chega à casa do pai, ela diz, “eu passava duas semanas aqui quase todo o verão, mas já faz muito tempo”. A sua fala demonstra que ela e o pai conviveram muito pouco tempo juntos, justificando a falta de proximidade, quase um estranhamento, entre os dois.

A diferença no modo de atribuição de responsabilidade para a mãe e o pai não casados indica que existe aí também um preconceito social relativo ao gênero, que

---

<sup>4</sup> Richard Cohen, citado por Glassner (2003), é um colunista que escreve uma coluna política semanal para o jornal estadunidense “*The Washington Post*”, localizado na capital dos Estados Unidos. Nesta coluna o colunista abordou sobre o termo “ilegitimidade”, contribuindo, juntamente com outros colunistas da época, para a disseminação da cultura do medo sobre a gravidez na adolescência em meio à população americana. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/people/richard-cohen/?utm\\_term=.cda395e09fb6](https://www.washingtonpost.com/people/richard-cohen/?utm_term=.cda395e09fb6)>. Acesso em: 28 maio 2018.



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

atravessa todos os problemas sociais, seja de classe, maternal, sexuais etc., enfrentados pelas mulheres. Para Glassner (2003, p. 173, grifo do autor):

[...] ao contrário das mães, julgadas deficientes por conta do que fazem ou do que acreditam, os pais são julgados pelo fato de estarem ou não por perto. A mera *presença* masculina é aparentemente adequada para salvar as crianças e o país da ruína.

Percebemos, então, que o fato de ser mulher também tem um peso a mais para as mães solteiras. Não importa se elas são boas mães para os seus filhos. Alguns canais midiáticos, juntamente com as instituições de plantão, poderão produzir representações de mães solteiras como sendo insuficientes na vida de seus filhos, pelo simples fato de serem mulheres, o que pode se tornar um preconceito de gênero na mídia.

As verdadeiras causas dos exemplos malsucedidos de mães solteiras e difundidas pela mídia são ocultadas da sociedade e das próprias mães que, muitas vezes, são convencidas do mal que elas representam na vida dos seus filhos, devido ao seu estilo de vida fugir à norma vigente da matriz familiar, estabelecida como um padrão para a constituição de famílias na sociedade americana. Segundo Glassner (2003), na década de 1990, houve uma difusão de notícias na mídia sobre o perigo a que os adolescentes norte-americanos estavam expostos, justificando a reação deles diante dos problemas que eles estavam enfrentando na sociedade.

Nesse meio, surgiram estudos que alardearam ainda mais a população para a necessidade de medidas de segurança para proteger a juventude. Em contraposição, emergiram produções que desmistificaram os perigos produzidos pela mídia, apontando para as reais causas dos riscos que os jovens enfrentavam.

O medo cresce, acredito, proporcionalmente à culpa inconfessa. Ao se cortar gastos com programas educacionais, médicos e anti-pobreza para os jovens, comete-se grande violência contra eles. Porém, em vez de se enfrentar a responsabilidade coletiva, projeta-se a violência contra os próprios jovens e contra estranhos que se imagina que irão atacá-los. Para os jovens que se desencaminham, as consequências das projeções são terríveis. Quanto mais as pessoas sentem medo da criminalidade, mais punitivas são suas atitudes em relação a criminosos jovens, revelam estudos, e os políticos capitalizam essa correlação para construir mais prisões. [...] A um custo anual de US\$ 30 mil ou mais por jovem e com cem mil jovens presos, é o complexo industrial das prisões e não a sociedade americana que sai ganhando com leis que exigem penas mais longas e mais severas para os jovens. (GLASSNER, 2003, p. 137).



**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

Silva (2009) aponta que, na primeira década do século XXI, o assunto da gravidez na adolescência continuou sendo alvo de atenção na sociedade americana, bem como, o tema do aborto, motivo da preocupação das instâncias governamentais. Tendo em vista a preocupação de várias religiões em torno dessas questões, foram criadas medidas de prevenção para os jovens, a fim de evitar a prática do aborto decorrente de uma gravidez indesejada. Paralelamente a este cenário, a crise econômica de 2008 desestabilizou milhões de pessoas nos Estados Unidos, causando uma grande tensão social. Neste mesmo ano, concorriam à presidência os candidatos Barack Obama e John McCain, e as questões centrais debatidas durante a campanha dos candidatos foram relacionadas à moral e à religião.

A religião continua sendo “muito importante” para 60% dos americanos, segundo a pesquisa do Pew Forum (em comparação só 12% dos franceses e 25% dos italianos fazem a mesma avaliação sobre a religião). Isso indica que, apesar das mudanças, a religiosidade continuará a ser fator decisivo na vida individual dos americanos e coletiva da nação por mais muito tempo. (SILVA, 2009, p. 59).

Em face dessa realidade, é possível ver como o medo é trazido em alguns textos fílmicos contemporâneos, como *Crepúsculo*, nosso objeto de estudo. Diferentemente de outras produções de terror sobre vampiros, como o “*Drácula de Bram Stoker*” (1992), em *Crepúsculo* o medo está voltado para a perda de uma “identidade”, que está relacionada a um “eu” autossuficiente, heroico, controlado e obstinado, como se pode notar no personagem Edward. Kellner (2001), explica que a fonte dos medos representados nos textos se revela nos dramas vivenciados pela sociedade na época da sua produção, apesar de não haver terror em *Crepúsculo*, podemos notar o medo através do comportamento dos adolescentes, com destaque para Bella e Edward. O medo também se faz presente em alguns dramas vividos pelos adolescentes humanos na escola, como quando as personagens Jessica e Ângela temem não serem convidadas para o baile pelos personagens Mike e Eric, e a insegurança que sentem ao escolherem suas roupas para este evento. Do mesmo modo, o personagem Mike parece amedrontado e inseguro quando convida Bella para ir ao baile e ela se esquivava.

Há, no comportamento dos adolescentes humanos, certa inocência, que os distancia do universo da sexualidade, assunto que só é trazido à história pela personagem Bella, que deseja viver essa experiência com Edward. Ao mesmo tempo, o



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

filme representa como esse tema deve ser tratado pelos adolescentes, educando o seu modo de pensar e reagir diante do desejo sexual. Nesse sentido, o autor Douglas Kellner (2016, p. 13, grifo do autor), nos explica que “ler filmes diagnosticamente permite-nos extrair *insights* sobre problemas e conflitos sociais, avaliar os problemas e as crises sociopolíticas dominantes, medos e esperanças, conflitos ideológicos e políticos [...]”.

## **A ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL**

Longe de fechar as discussões levantadas neste estudo, as considerações que seguem deixam o caminho aberto às novas possibilidades de reflexões no campo da leitura crítica da mídia, as quais se tecem continuamente no âmbito científico, de um modo não linear. A representação estudada no filme, se cruza em vários momentos com outras representações, tanto de outros personagens, como de assuntos do contexto de produção da obra fílmica.

Tais questões integram o universo das representações apresentadas nesta pesquisa, e ajudam na compreensão do alcance que a cultura da mídia pode ter na vida das pessoas. E mostra a necessidade da alfabetização midiática das pessoas, tanto nos espaços escolares, quanto nos demais espaços sociais. Já que, na atualidade, vivemos imersos no ambiente digital, com acesso à diversas plataformas midiáticas, que produzem conteúdos, para atender interesses também diversos.

Nesse cenário, é urgente e necessária a alfabetização midiática das pessoas, que munidas de conhecimentos sobre esse universo, poderão aprender a identificar representações como a aqui exposta. E, a partir disso, requerer e fomentar representações, que de fato, represente os grupos excluídos da sociedade, e suas culturas. Pois, essa parcela social, não ocupa o lugar de protagonismo nas representações produzidas pela indústria cultural, sendo limitadas e construídas de modo negativo, e como um problema social.

A representação de Renée no filme mostra que essa personagem, além de ter sido uma mãe solteira, também é a mãe da protagonista, que por sua vez, é uma adolescente. Deste modo, o público almejado pela direção do longa-metragem é o juvenil. Esse fato, nos mostra que a representação negativa construída de Renée, pode gerar efeitos também negativos no público que assistiu ao filme, em relação às mães



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

solteiras. Pois, a representação da personagem Renée, a responsabiliza, pelos problemas enfrentados pela filha na história, podendo reproduzir um preconceito de gênero em meio aos consumidores dessa produção, tanto entre os homens, quanto entre as próprias mulheres adolescentes.

Nesse sentido, os estudos culturais da mídia permitem compreender o papel que as representações de gênero, produzidas no cinema, podem exercer na vida do seu público consumidor. E o modo como a indústria cultural pode produzir as representações das mulheres no cinema hollywoodiano, tanto aquelas apresentadas como positivas, e integrantes do universo normativo social, quanto às representações disseminadas negativamente, e demonstradas como catastróficas socialmente. Estas últimas representações, são utilizadas para justificar os comportamentos considerados transgressores e nocivos à vida em sociedade, os quais devem ser corrigidos, tão logo sejam identificados pelas instâncias sociais normativas, detentoras de poder. No entanto, felizmente, diversos grupos invisibilizados, no atual contexto social, vêm resistindo e lutando contra vários tipos de opressão, os quais, muitas pessoas acreditavam não mais existir na sociedade.

## REFERÊNCIAS

CREPÚSCULO (Twilight). Direção: Catherine Hardwicke. Produção: Mark Morgan Greg Mooradian. Roteiro: Melissa Rosenberg. Companhia(s) produtora(s): Temple Hill Entertainment; Maverick Films; Imprint Entertainment; DMG Entertainment. Distribuição: Summit Entertainment; Paris Filmes. Estados Unidos, 2008, 122 min. Baseado no romance “Twilight”, de Stephenie Meyer.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Temas & educação, 3).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19. ed. São Paulo: Graal, 2009.

GLASSNER, Barry. **Cultura do medo: por que tememos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos**. Tradução de Laura Knapp. São Paulo: Francis, 2003.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

KELLNER, Douglas. O apocalipse social no cinema contemporâneo de Hollywood. **Matrizes**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 11-26, jan./abr. 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/119525/116866>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

MEYER, Stephenie. **Crepúsculo**. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, [S.l.], v. XXV (105-106), 1990 (1º, 2º), p. 139-165, out. 2015. Disponível em: <[file:///C:/Users/Windows%207/Downloads/1990\\_AnliseSocialXXV.pdf](file:///C:/Users/Windows%207/Downloads/1990_AnaliseSocialXXV.pdf)>. Acesso em 12 nov. 2017.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.], n. 5-6, p. 13-27, maio/dez. 1997. Disponível em: <[http://anped.tempsite.ws/novo\\_portal/rbe/rbedigital/RBDE05\\_6/RBDE05\\_6\\_04\\_ANGELINA\\_PERALVA.pdf](http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_04_ANGELINA_PERALVA.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2017.

SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da Silva. **Uma nação com alma de igreja**: religiosidades e políticas públicas nos EUA. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.